

A NÃO-OBRA DE ROBERTO PIVA: UM OLHAR SOBRE O ARQUIVO

Ibriela Bianca Berlanda Sevilla
Doutoranda do programa de pós-graduação em literatura da UFSC
ibriela@hotmail.com

Resumo

Localizado no Instituto Moreira Salles desde 2006, o arquivo do poeta paulistano Roberto Piva tem despertado o interesse de um número cada vez maior de pesquisadores. Tendo em vista que muitas das edições originais de sua obra estão escassas no mercado, os pesquisadores tendem a iniciar suas leituras pelas edições da obra reunida em três volumes pela Editora Globo, cuja publicação possibilitou maior difusão de sua poesia. Este texto constitui uma tentativa de sair deste lugar canônico da publicação das obras completas para ir aos originais do poeta, pondo o arquivo em movimento e buscando estabelecer uma leitura que parta da “não-obra”. O texto mostra algumas inferências sobre a primeira pesquisa no arquivo de Piva, descrevendo alguns textos mais pungentes e constituindo um panorama baseado no que se encontra neste recorte cujo arconte foi o próprio poeta.

Palavras chave: Arquivo; Poesia; Roberto Piva

Abstract

Located at Instituto Moreira Salles since 2006, Roberto Piva's archive has just started to be searched intensively by the increasingly number of researchers who have chose his poetry as study object. Due to the scarcity of the original volumes the researchers tend to start their readings from the complete poetry edited by Globo publisher in three volumes, which was in a certain way, responsible for Piva's poetry propagation. This text brings the attempt of leaving the canonic place of the complete poetry and go to the poet's originals moving the archive and trying to establish a reading which comes from his “non-work”. The text shows some reference on the first research to the archive describing some more pungent texts and presenting a general view of what there is in this snip whose archon was the poet himself.

Key words: Archive; Poetry; Roberto Piva

O ponto de partida da reflexão proposta aqui é o arquivo do poeta Roberto Piva, que se encontra no Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro. A pesquisa empreendida em dois momentos (11 a 13 de julho, e de 25 a 28 de setembro de 2012) não possibilitou resultados e conclusões definitivas, mas algumas inferências de um primeiro olhar sobre o arquivo.

O arquivo relativamente pequeno de Roberto Piva é composto por cinquenta e duas correspondências entre cartas, convites, bilhetes e cartões postais; mais de setenta e cinco documentos, entre cadernos de anotação, manuscritos e datiloscritos, reunidos como “produção intelectual”; fotografias e desenhos catalogados como “documentos iconográficos”; dez documentos pessoais como comprovante de matrícula, permissão para nadar, currículo vitae, carteira de estudante, entre outros; aproximadamente sessenta e nove textos de autores diversos sobre sua poesia entre textos críticos, resenhas e notícia de lançamento de livros, isto para dizer do que já foi catalogado e organizado pelo IMS.

O recente interesse dos pesquisadores em estudar o arquivo de Roberto Piva, presente no IMS desde 2006, fez com que a instituição voltasse a atenção ao material dormente desde então. Posso dizer que inicio um trabalho de reconhecimento desta coleção de textos juntamente com a instituição, uma vez que seus técnicos limitam-se somente a descrever e ordená-la. Alguém que conhece a obra do poeta pode auxiliar com as referências ausentes que se tornam muitas vezes necessárias.

O objetivo original de meu projeto era estudar, numa chave comparatista, as poesias de Roberto Piva e Allen Ginsberg, e encontrar qualquer contato que tivesse ocorrido na vida privada entre eles me parecia uma prova, uma justificativa da proximidade que há entre *Paranoia* e o *Uivo* de Ginsberg. Encontrei entre suas cartas, um envelope valiosíssimo proveniente do Naropa Institute, hoje universidade, onde funciona a Jack Kerouac School (escola de formação de escritores e poetas fundada pelo próprio Ginsberg e pela poeta Anne Waldman), mas era somente um envelope. Mais tarde, vim a saber que se tratava da programação de um evento: a “Conferência Panamericana”, realizada de 9 a 22 de julho de 1990 naquele instituto. Além disso, encontrei duas cartas de Rodrigo Garcia Lopes endereçadas a Piva, nas quais relata seu projeto pessoal de entrevistar poetas da *Beat Generation* como Ferlinghetti, Ginsberg, Gary Snyder e outros como Susan Sontag, John Ashbery, John Cage, entre tantos que compunham sua lista.¹

¹ As cartas datam de 1990 e 1991, período em que Rodrigo Garcia Lopes esteve nos Estados Unidos e de lá envia duas cartas a Roberto Piva, inteirando o poeta das novidades literárias daquele país.

A grande maioria das anotações em cadernos, manuscritos avulsos e cartas presentes no arquivo datam do período entre os anos 1980 e 1990. Nesses anos, já não há notas que expressem qualquer interesse pelo mundo Beat, o que ocorreu nos anos 1960 quando formava um grupo com Claudio Willer, Roberto Biceli, Rodrigo de Haro, Tomaz Souto Corrêa, entre outros poetas que compartilhavam os mesmos interesses; o que Piva dividia com Rodrigo Garcia Lopes eram questões ecológicas e sabotagem de projetos de industrialização. Garcia Lopes conta em uma das cartas que Edward Abbey foi

um escritor e ecologista ‘terrorista’ radical que morreu em 88. Ele é o autor do livro “The Monkey Wrench gang” (A gangue da chave inglesa). Ferlinghetti conta a história verdadeira dessa gague de cowboys ecologistas que sabotavam projetos de industrialização e diques (pontes no Arizona). Abbey é o guru de grupos ecológicos como o “Earth First” que adota práticas radicais como bombas e sabotagem p/ salvar o meio ambiente.²

O que Garcia Lopes conta a Piva na carta tem a ver com a preocupação ecológica que expressava em sua poesia nos anos 1980. Esse *pathos* quase que exclusivo se espalha pela poesia com uma carga política explosiva que envereda para o lado bucólico-erótico-politeísta oposto ao que há em *Paranoia* e *Piazzas*, por exemplo, em que seu mundo era a “metrópole-necrópole”, como ele costuma se referir; o *Paranoia* foi para ele a imagem da cidade como uma “carniça apodrecendo”³. No arquivo são raras as notas referentes àquele momento, ou mesmo ao *Paranoia* ou ao *Piazzas*, salvo sobre a reedição do *Paranoia* pelo IMS no ano 2000.

Conhecemos a partir das publicações reunidas sob o título *Sindicato da natureza*⁴ e *O século XXI me dará razão*⁵ o pensamento e opinião de Piva a respeito das questões ecológicas, de preservação do meio ambiente, e preservação da consciência contra qualquer sistema de controle e a favor da autolibertação, do prazer e do ócio. Manifestações poético-políticas semelhantes estão espalhadas por todos os seus cadernos de notas e de criação presentes no arquivo. O que há nesses cadernos referente ao tema não difere muito do que lemos nos manifestos e textos publicados; mantém a mesma virulência, mas parecem mais agressivos por serem manuscritos, rabiscados, dotados da intensidade pessoal do poeta. Chamo de manifestações poético-políticas os textos em que Piva assume uma posição de

² Lopes. *Cartas à Piva*, IMS, 1991. Devido ao grande número de referências provenientes dos originais não publicados do poeta, as mesmas foram adaptadas a um formato semelhante ao das normas de publicação exigidas neste boletim.

³ Hungria & D’élia. *Os dentes da memória*, p. 53.

⁴ Publicado no volume III das obras reunidas pela editora Globo. Piva. *Estranhos sinais de Saturno*, pp. 172-189.

⁵ Publicado no volume II das obras reunidas pela editora Globo. Piva. *Mala na mão & asas pretas*, pp. 140-149.

resistência e até de enfrentamento diante do padrão de ordenamento social e suas instituições, como os sindicatos, o sistema educacional, partidos políticos, indústrias, etc., além de questionar as noções de público e privado, reivindicando espaços públicos (hortas, saunas, mictórios) para a população.

Dentre os textos e apontamentos de cunho ecológico presentes no acervo do poeta, há um que Piva escreve em apoio à candidatura de Gastão Gonçalves da Silva a deputado estadual para as eleições de 1982. Diferentemente da maioria, este texto mostra um empenho, pois foi manuscrito e depois datilografado em uma versão ampliada e mais bem elaborada para ser anexada ao projeto do político em questão. É um arquivo em dez laudas contendo: a) texto de Péricles do ano de 430 a. C. falando do conceito de cidadania e dos deveres do cidadão; b) o currículo de Gastão Gonçalves; c) texto contendo a proposta do candidato intitulado “O caminho das mudanças é a vida política”; d) texto intitulado “Temário” contendo 22 temas de trabalho a que se compromete o candidato; e) Carta de Roberto Piva dando sugestões para o programa de Gastão Gonçalves intitulada “I – Carta – Programa”, seguida pelo “II – Manifesto” anexada como apoio ao projeto do político. Transcrevo alguns trechos de um manuscrito esparso que parece ter sido escrito como rascunho para o “Manifesto” supracitado:

A prolongação dos hábitos nefastos atuais só poderá levar a uma série de catástrofes sem precedentes na história mundial: cidades que afundam, fome, seca, terremotos, poluição, doenças, etc. (...)

Toda comunidade responsável, deve através de procedimentos políticos próprios, decidir dar um BASTA à destruição do espaço, à injustiça, à poluição. É através de uma consciência política carregada de futuro que o povo possuirá o poder sobre as ferramentas da sociedade, ou será vítima de uma ditadura tecno-fascista.

Precisamos nos apropriar da FELICIDADE NACIONAL BRUTA, e isto significa: direito ao prazer, proteção da natureza, descentralização do maior numero possível de decisões, cooperativismo e autogestão.

Certamente o problema é antes de tudo político.

Por isso vote ecologia

vote PMDB

vote GASTÃO GONÇALVES

O CANDIDATO DA ECOLOGIA⁶

Não pude receber tal texto com maior surpresa. Primeiro porque na pesquisa descobri que o candidato apoiado por Piva era um militar que havia participado da academia das Agulhas Negras e me surpreendi porque em seus textos publicados ele

⁶ Piva. *Manuscrito/Produção intelectual*, IMS, s.d.

sempre se refere aos conflitos políticos de esquerda e de direita como um mal para a vida, como disputas infrutíferas que deixam de lado questões importantes para melhorar a vida das pessoas na cidade. Mas Piva havia então tentado fazer algo mais do que sua política poética limitada à publicação em livros e revistas. Talvez tivesse visto no apoio a Gastão Gonçalves um meio possível para ações efetivas na luta pela ecologia e pela preservação ambiental. Piva abriu em sua poética a possibilidade de uma sociedade utópica onde os frangos voltariam a ciscar no meio a avenida São João⁷, onde as onças pintadas serviriam de “guias & professores na orientação das crianças cegas”⁸, ou como coloca no manifesto a favor do candidato em questão: “Nós ecologistas pretendemos imaginar um novo mundo no presente & semear pequenos grãos de Utopia”⁹. Essa ideia de praticar radicalmente uma ecologia que engloba animais e seres humanos numa sociedade que prevê o bem estar (o “direito ao prazer”, nas palavras de Piva) levou Piva a se estabelecer numa posição política a fim de apoiar publicamente um candidato a deputado e mais ainda, um partido. Para ele, somente através desta via uma mudança de comportamento seria possível

Se, em seus poemas, Piva se coloca como anarquista ou apolítico mantendo uma posição imaginária (anarco-monarquista) calcada na utopia, e inventa novos *topoi* como “partido surrealista natural”, “sindicato da natureza”, “manifesto utópico-ecológico”, em suas notas ele demonstra clara aversão à esquerda, que para ele é composta de chauvinistas ignorantes e nostálgicos, o que, em última instância, justificaria seu apoio a um candidato da direita (mas o apoio a um militar, permanece uma surpresa para mim). Transcrevo aqui alguns trechos em que faz referência ao maior partido da esquerda brasileira:

O PT é aquele grupo de pessoas que se prepararam a vida inteira para morrer por uma causa... e a causa morreu primeiro do que eles...¹⁰

A igreja Católica é mais uma empresa estatal dominada pela CUT & o PT.¹¹

Estou convencido que a esquerda não passa do cão de guarda da direita. Os argumentos contra as drogas, ecologia, contracultura, movimentos alternativos, lançados pela esquerda nos anos 60 foram incorporados pela direita nos anos 80. A mídia já fabricou até um Xerife do Brasil. A verdadeira desgraça do país é a lei da inércia aplicada ao pensamento. Represa de Mairiporã 88.¹²

⁷ Ideia presente num texto intitulado *Dói mas você goza* que diz o seguinte: “Relendo Vico outro dia, percebi que meu amigo Roberto Bicelli estava certo: eu também quero ver frango ciscando na avenida São João.” Piva. *Datiloscrito/produção intelectual*, IMS, s.d.

⁸ Proposta do item número 5 do “Manifesto utópico-ecológico em defesa da poesia & do delírio”. Piva. *Mala na mão & asas pretas*, p144.

⁹ Piva. *Carta programa & Manifesto*, IMS, s.d.

¹⁰ Piva. *Caderno de notas*, IMS, 1993/1994.

¹¹ Piva. *Caderno de notas*, IMS, 1996 – 1999.

¹² Piva. *Caderno de notas*, IMS, 1981 – 1989.

Afinidades à parte, sabemos, através de inúmeras entrevistas com o poeta e sobre ele, que ele não deixava de criticar um político por ser da direita, como é o caso de Fernando Henrique Cardoso. Finalmente, tendo a pensar que o apoio político a Gastão Gonçalves abriu para Piva a possibilidade de um trabalho que lhe garantisse alguma estabilidade financeira, embora não haja documento algum que ateste meu palpite.

Piva deixa claro em várias notas que sua situação financeira era muito difícil. Estava impossibilitado de sair de São Paulo, onde já não se sentia à vontade, já não se encaixava no sistema de educação “careta” em que trabalhou por 12 anos e, mais que isso, sentia-se silenciado pela crítica. Piva expressa um ressentimento por sua poesia não ter tido o reconhecimento que esperava. Dá a entender que estava farto de se sentir subjugado pelos “intelectuais de botique” como ele usualmente se refere aos intelectuais de esquerda e aos concretistas que dominavam a cena literária. Foi possível perceber em suas anotações, mais do que nos poemas publicados, a crítica ferrenha aos intelectuais universitários (a USP na linha de frente) e ao concretismo: “Essa estética cabaço, poesia de botique, exposta pelos suplementos literários como sendo poesia, na verdade é a poesia de linha de montagem industrial do Taylorismo.”¹³ Ele estava inconformado com o tamanho reconhecimento da poesia concreta e com o sucesso profissional e financeiro dos intelectuais de esquerda, dos universitários e dos que tinham cargos públicos: “enquanto isso vocês encheram os bolsos de títulos & afins nas universidades & cargos burocráticos, tornando-se frequentadores assíduos das colunas sociais da granfinalha.”¹⁴ Relata em seu caderno de memórias com um tom inconformado que enquanto é reconhecido no exterior, aqui no Brasil vive em dificuldade financeira:

(...) tenho trabalhos publicados na revista “*La Brèche*” dos surrealistas em 1965, tornei-me conhecido internacionalmente. E esse pessoal ligado a PT, PC, PC de não sei o que, liam e ficavam escandalizados.

(...)

Além do mais, a falta de dinheiro nunca determinou a qualidade da minha poesia, que é de nível internacional. Eu fui uma pessoa que passei a vida sem dinheiro, as vezes eu não tenho dinheiro para pegar ônibus, mesmo assim tenho poemas publicados no exterior. Apesar do bloqueio imposto pela esquerda para que a minha obra não se tornasse uma avalanche.¹⁵

¹³ Piva. *Caderno de memórias*, IMS, 1994.

¹⁴ Piva. *Caderno de notas*, IMS, 1993/1994.

¹⁵ Piva. *Caderno de memórias*, IMS, 1994.

Percebe-se pela quantidade de cópias de artigos sobre sua poesia, reunidos no arquivo, que Piva estava preocupado, sim, com sua reputação de poeta, com seu reconhecimento. Ele tinha consciência de que era um poeta de peso e trabalhava na publicação de seus livros com muito afincamento esperando bons resultados. Esforçava-se para que seus livros fossem espalhados por vários países. Rodrigo Garcia Lopes deixa um livro seu (não identificado), na universidade de Temple, no Arizona; há uma carta de Benedita Gouveia Damasceno enviada de Roma agradecendo a Piva pelo envio dos *20 poemas com brocolí, Piazzas e Quizumba*; Ricardo Corona, editor da revista *Medusa* de Curitiba, escreve a Piva agradecendo o envio do *Piazzas*; nos anos 1960; o poeta Sergio Lima leva com ele para a França e para o grupo surrealista de Breton o *Paranoia*, que ganha junto de seu livro *Amore*, um comentário na revista surrealista *La Brèche*; guarda um bilhete de Antonio Fernando de Franceschi referindo-se à “bela repercussão” da edição do *Paranoia* pelo IMS, sem falar das traduções de seus poemas remetidas dos Estados Unidos e da Argentina. Enfim há um grande número de documentos guardados que atestam o esforço do poeta em divulgar sua obra.

Voltando aos cadernos de Piva, há, paralelamente ao interesse pela ecologia, diversas notas a respeito de seus estudos de tarô, i-ching, lembretes para tirar o tarô e o i-ching para amigos, ver búzios com o babalorixá Marco Antonio de Ossain, um suposto contato com extraterrestres, anotações de orixás da umbanda junto de deuses gregos. Estes tipos de notas que se espalham pelos cadernos nos dão a noção de uma biblioteca esotérica e religiosa ao lado de seus autores clássicos e prediletos, uma biblioteca eclética, cosmopolita. Nesta fase, entre os anos 1980 e 1990, os poemas nos cadernos foram em sua maioria escritos em cidades do interior e do litoral de São Paulo: Ilha Comprida, Mairiporã, Jarinú, Praia da Juréia, Iguape, Embu-Guaçu, nas Montanhas de Atibaia e por aí vai. Seu interesse pelo xamanismo se intensifica muito com a leitura de *Les Tarahumaras* (1947), de Antonin Artaud, que ganha um dos poucos textos críticos de Piva. Cito alguns trechos:

Sua viagem ao México em 1936, foi a descoberta da mutação da palavra, a mudança de sistema da realidade.

(...)

Artaud queria perfurar o próprio cerne desumanizado de uma cultura de salão & mergulhar na dor ou alegria, diretamente brotada dele que o transformaria naquêle que êle poderia ser.

(...)

Artaud nos mostra que os Tarahumaras estão na base da anarquia profunda que é a essência de toda a poesia. Antonin Artaud gritou bem alto em nossos ouvidos esta verdade incômoda e fundamental; seu eco repercute no deserto do ocidente.

(...)

Recomendo a leitura das obras de Artaud, principalmente ‘Les Tarahumaras’ – Ed. Gallimard.¹⁶

Piva trabalhou, produziu, concordou, discordou e estudou mais nas décadas de 1980 e 1990 do que em qualquer outro momento de sua vida. Foi durante esses vinte anos de intensa atividade intelectual, social e xamânica que ele deixou marcada sua concepção de poesia e vida; são desse período os fragmentos, os resíduos deixados de lado pela impressora por onde passaram os textos eleitos. Estes resíduos de uma vida dedicada à poesia, que se aglutinam em torno de um tema comum, formam um recorte, a parte do arquivo escolhida para mostrar o retrato de um Piva que não é o de *Paranoia*, esse que foi até hoje o mais estudado e criticado, mas um Piva empenhado em mostrar uma nova perspectiva de seu projeto poético.

Salvo alguns poucos poemas de 1986 e 1989 que ainda mantêm traços urbanos, o arquivo é composto por notas, resenhas e poemas de um Piva xamânico e politeísta ainda pouco lido por nós. Sua produção poética e seu pensamento de vida e poesia, que lemos nos livros publicados desde o *Abra os olhos & diga ab!* (1975), estão espalhados pelo arquivo com toda a intensidade do traço que falta em seus livros. Sua poesia e seu arquivo juntos operam no sentido de desconstruir o jogo de regras ontotipológicas, termo que Marcio Seligmann-Silva explica em artigo intitulado *Estética e política, memória e esquecimento: novos desafios na era do Mal de Arquivo*¹⁷. São imagens fundamentadas nos padrões de comportamento geralmente politicamente corretos e que acabam por se tornar expressões fascistas no sentido da “estetização da política”, como propõe Benjamin. A poética de Piva vem para sabotar nossos hábitos viciados de ver, nosso modo mecânico de julgar surpreendendo e explodindo a poesia de uma época. Há em seus poemas xamânicos um grão do perspectivismo ameríndio estudado por Eduardo Viveiros de Castro, onde habitam xamãs, garotos índios iniciados no amor carnal, seus falcões, homem galinha entre tantos outros personagens totêmicos de sua poesia que trazem a possibilidade de uma nova visão, um foco através de uma perspectiva diferente. O poema “Jornada Xamânica I”, datiloscrito numa folha solta, originalmente escrito em Iguape em 1989, descreve um ritual de morte e renascimento, um sacrifício que prevê a passagem para uma realidade diferente que se dá

¹⁶ Piva. *Artaud & os Tarahumaras*, IMS, s.d.

¹⁷ Seligmann-Silva. *Estética e política, memória e esquecimento: novos desafios na era do Mal de Arquivo*, p. 271.

através da transversalidade da linguagem, da comunicação entre heterogeneidades, que no poema ganham espaço de significação.

JORNADA XAMÂNICA I

Minha tutela sussuarana
meu gavião caranguejeiro
minha naja
minha caverna
montanha onde tudo isso se deu
a passagem
escolhi um país solitário
romãs oscilam como estrelas nos
meus poemas
eu gavião em vôo rasante sobre
as ilhas & seu perfume
vida errante olhos nos olhos do
sol
o tambor revela uma nuvem onde
fazíamos amor
minha boca despedaçada
a xamã bate seu macará de encontro
às sete luas
colares como rostos radiantes de
beleza
o deserto se converte em cavalos
em furia
minha alma guerra que ruge
esta morte entre ervas sagradas
o menino foi atropelado pelo gavião
do mangue
contemplando
o próprio renascimento
na Dança

Iguape / 89¹⁸

Dizer “eu gavião” é o enunciado que evidencia que o poeta toma um outro lugar que não é dele, assumindo, desta maneira, o corpo e a percepção da ave. É outro, mas é ele mesmo. A discussão que está posta nesta fase xamânica de sua poesia está principalmente nos dualismos homem-animal & corpo-razão que convivem harmoniosamente e mesmo em conflito no cenário próprio de sua linguagem.

É um tipo de percepção diferente que o poeta propõe ao seu leitor também no que tange à homossexualidade. Em várias notas, Piva critica a cultura gay que diz ter sido introduzida no Brasil pelos Estados Unidos única e exclusivamente para fins comerciais, para criar um nicho de mercado. Sua noção de sexualidade tem mais a ver com a relação entre o velho filósofo e seu aprendiz na antiga sociedade grega, uma relação idealizada

¹⁸ Piva. *Jornada Xamânica I*: Datiloscrito/Produção intelectual, 1989, IMS. Algumas palavras apresentam grafia diferente exatamente como estão no datiloscrito.

aplicada também a uma lógica tribal. Para ele, homossexualidade não tem nada a ver com feminilidade, está mais para um tipo de androgenia; por isso questiona a noção de gênero que divide a sociedade em facções e critica a perda da afetividade dos adolescentes, afirmando que “a televisão massificou o comportamento em direção ao casal heterossexual. [os garotos] Estão muito mais frios, medrosos e desinformados”¹⁹. Em seu caderno de memórias ele explica:

(...) para mim o prazer dos deuses é com adolescentes. Os gregos já diziam isso. O proprio Zeus rapta um pastorzinho chamado Ganimedes. Por essa causa diziam que quem experimenta o gosto pelos adolescente experimenta o prazer dos deuses. O adolescente é essa síntese de masculino e feminino. E um prazer ligado ao solar. Principalmente dionisíaco.²⁰

Sabemos que Piva estava interessado em criar laços, por mais difícil que fosse. Ele queria o amor livre, libertino, que não estivesse balizado por padrões comportamentais e classes sociais. Em um poema de 1986 de atmosfera urbana ele faz uma ode aos garotos, seu ideal de prazer:

FLASH DE JAZZ MEIA-NOITE

Ruas musculosas
passarelas do skate drogado dos garotos selvagens
nada se compra
a vida excitante
do garoto que ama um pirata
do outro lado da cidade
a noite & seus tambores
gatos egipcios
estrelas enroscadas na engrenagem do Tigre
rock & jazz
castigando os muros-realidade
o lixo da noite
inventando hieróglifos
Bar Netuno
onde você telefona pra Nagazaki
evitando morrer
dançando seu esqueleto cheio de flores
na partitura-Bruegel
Garoto Profundo
na cidade metálica
suas coxas douradas
na cintura do Mohicano
taças esvaziadas no vermelho dos lábios
Senhor da Orgia
licor-gavião & arvores de vidro
Garotos da Noite
pequenos deuses radiantes

¹⁹ Piva. *Caderno de memórias*, 1994, IMS.

²⁰ Idem, *ibidem*.

estão nos becos da periferia
estão na cama transando por qualquer grana
passeando a imaginação no lado escuro da lua
Beleza com asas
Beleza com garras
matando de fome o Amor
Garoto Guei
na sua solidão de espelhos
imenso como árvore sagrada a música o mar
atravessando a noite
com sua língua gelada de menta
eu sei que a vida é incompleta
garotos jaquetas de pantera
com suas lágrimas de jazz histórico
abraçados no Artico
em torno do trigo
plantado lá pelos Aztecas²¹

Garotos das ruas, o garoto selvagem, o garoto profundo, garotos da noite, garoto “Guei”, garotos jaquetas de pantera; todos estes meninos urbanos que pairam na imaginação do poeta estão à margem do comportamento aceito, são de alguma maneira os meninos de 13 a 18 anos, feirantes, operários, office-boys que frequentavam a mesma sauna suburbana que Piva, seu lugar privilegiado para ler Dante. Esses garotos são o próprio Roberto, de alguma maneira. Piva não deixou nada em segredo. Suas notas não revelam mais do que a vida pública estampada em seus poemas e entrevistas publicadas. Ele não manteve um diário, sempre deixou clara sua opinião sobre os diversos temas que lhe preocupavam, mas sem dar muitos nomes ou detalhes, ele se expressa poeticamente; talvez esta seja sua maior coerência.

Piva não manteve um só caderno por um tempo, ele não enchia os cadernos, não tinha o cuidado de manter uma regularidade. Por mais que tivesse datado o ano em que escrevia suas notas ou poemas, há muitas anotações sem data. Pode-se perceber que ele escrevia ideias que irrompiam a qualquer momento em qualquer folha em branco no caderno que tivesse à mão. Ele mesmo afirma que escrever dava muito trabalho. Passou um longo período sem escrever absolutamente nada entre os anos de 1966 e 1976, data de suas primeiras notas e poemas. “Escrever é um desgaste muito grande. Eu tenho de cair na vida, entre um livro e outro, para recolher experiências, para poder transformar alquimicamente a matéria-prima em pedra filosofal. Eu sou um curandeiro das palavras”²², afirmava.

²¹ Piva. *Flash de Jazz Meia-Noite*. Manuscrito/Produção intelectual, IMS, 1986.

²² Piva in Hungria e D’Elia. *Os dentes da Memória*, p. 94.

O arquivo do Piva mostra este trabalho de transformar suas experiências em notas de coleção. Suas experiências de vida, com as bebedeiras e rituais de abertura de consciência através de psicoativos e tambores, e suas experiências de leitura falam muito de sua erudição, de sua biblioteca amadora (daquele que ama) cheia de volumes incomuns, não de um estudioso acadêmico, tipo que ele criticava incisivamente. Abrir e descobrir o arquivo de Roberto Piva é, de certa maneira, entrar em sintonia com o projeto benjaminiano de reestruturação dos arquivos, na medida em que traz à tona uma voz até certa instância oprimida “pela máquina do expansionismo capitalista”²³, como aponta Marcio Seligmann-Silva no mesmo artigo citado anteriormente. E Piva se colocava realmente como uma voz oprimida, como alguém impossibilitado de adaptar-se às exigências do sistema capitalista, recusando-se até a entender como é possível viver nos moldes estabelecidos. Isto é, em parte, um atributo da construção desse “personagem poeta” e nota-se ainda que essa revolta expressa em suas anotações dos anos 1980 e 1990 já não existe a partir do ano 2000. Não há, na verdade, nota alguma a partir dessa data, justamente o período em que *Paranoia* ganha nova edição pelo IMS e sua obra completa começa a ser publicada pela editora Globo (a partir de 2005). O que nos informa esse silêncio? Um contentamento? Um cansaço? Ainda estou no campo da incerteza.

Eneida Maria de Souza no artigo *Biografia: um bem de arquivo* explica que através da transformação da casa ou do acervo dos escritores em museu ou fundação ele tem a oportunidade de “se tornar conhecido no seu cotidiano de escritor e de homem comum pelos leitores do futuro, ao lado de sua obra”. Ao analisar o arquivo de Piva vemos que há pouquíssimos relatos de seu cotidiano e muito menos da vida de um homem comum. O que há são conflitos, revoltas, vontade de subverter a vida completamente. O que se pode conhecer no arquivo é, repito, o mesmo Roberto Piva poeta & personagem que está em seus textos publicados. Ele transformou os relatos de sua vida pessoal em poemas e é através da leitura deles que se pode conhecer seu autor. Não há confissões expressas, suas cartas, que são na grande maioria correspondência passiva, não formam um corpus de gênero literário, não há biografia que possa ser diferenciada do projeto poético numa distinção entre ficção e realidade. Pensando sobre o problema da biografia no arquivo, Eneida Souza afirma que os originais, quando incorporados aos textos preparados para a publicação, emanam um esboço de biografia intelectual e que a descrição de “experiências

²³ Seligmann-Silva. *Estética e política, memória e esquecimento: novos desafios na era do Mal de Arquivo*, p. 277.

vividas ligadas à produção literária e existencial”²⁴ constitui um lugar pouco conhecido pela crítica, e pouco visitado eu diria. Ela defende a ideia de que “reunir crítica biográfica e crítica genética permite expandir o registro documental dos autores como tentativa de recuperar estágios prototextuais e estágios protovivenciais.”²⁵ Importante salientar entretanto que, no caso do arquivo de Piva, que é evidentemente um recorte de seu trabalho com a poesia, há uma vontade de permanência que se sobrepõe à pulsão de morte a que está fadado qualquer documento na medida em que o próprio Piva foi seu arconte, ele escolheu o que guardar para si e ele escolheu o que se tornaria arquivo.

A prática analítica voltada, portanto, para as fontes primárias possibilitará a revitalização do arquivo, a revisão do trabalho editorial através da comparação do que foi publicado e do que não foi e o confronto dos originais com a obra como monumental e fechada que passa a estar sujeita a modificações e transformações interpretativas. Há ainda muito trabalho pela frente e certamente muito a ser descoberto.

Termino com uma pequena seleção de anotações encontradas nos cadernos de Roberto Piva que podem ilustrar um pouco da pluralidade de assuntos que lhe interessavam nas décadas de 1980 e 1990.

Pequena Coleção de Citações

“a natureza tornou-se na sociedade contemporânea um ‘capital’ limitado que diminui a atividade da produção.”

“A defesa do meio – ambiente passa pelo contrôlo do crescimento populacional.”

“Oswald sabia que quando morre um pajé, morre uma biblioteca viva.”

“(…) Oswald defendia a cultura dos índios & implorava aos intelectuais brasileiros para que impedissem o seu desaparecimento. Ele optou definitivamente pelo Tupi.”

“A falta de grana já está comprometendo minha locomoção. Minha vida poética-existencial não dá grana & produz insegurança nas pessoas. Não será esta, no entanto, a finalidade da poesia/arte autêntica?”

“A poesia deve fazer um giro de 180°, um verdadeiro turning point se quiser cair outra vez na vida. Ou como disse certa vez o poeta xamã Antonin Artaud: e saltar fora dos livros & deixar a realidade em completa desordem.”

²⁴ Souza. *A biografia, um bem de arquivo*, p. 123.

²⁵ Idem, *ibidem*.

“Dadaísmo, Surrealismo, Xamanismo & Magia são os movimentos contra a carece do mundo. E nestes turbilhões que acontecem as libações epifânicas a Baco. Neste país colonizado pelos valores da classe média, as explosões dionisiacas do candomblé ampliam cada vez mais o rombo na cultura oficial: branca, católica, esquerdista & cabaço.” No Mar 88

“Estou convencido que a esquerda não passa do cão de guarda da direita. Os argumentos contra as drogas, ecologia, contracultura, movimentos alternativos, lançados pela esquerda nos anos 60 foram incorporados pela direita nos anos 80. A mídia já fabricou até um Xerife do Brasil. A verdadeira desgraça do país é a lei da inércia aplicada ao pensamento.” Represa de Mairiporã 88

Bibliografia

Antelo, Raul. “O arquivo e o presente”. *Gragoatá*, 43-61. Niterói, n. 22, 2007.

Ginzburg, Carlo. “Conversar com Orion”. *Revista Esboços*, n. 14, vol. 12. UFSC, Florianópolis, 2005.

Hungria, Camila & D’Elia, Renata. *Os dentes da memória: Piva, Willer, Franceschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

Lopes, Rodrigo Garcia. *Cartas à Piva*, IMS, 1990 e 1991.

Piva, Roberto. *Artaud & os Tarabumaras*: Manuscrito/Produção intelectual. IMS, s. d.

_____. *Caderno de memórias*. IMS, 1994.

_____. *Caderno de notas*. IMS, 1981 – 1989.

_____. *Caderno de notas*. IMS, 1993/1994.

_____. *Caderno de notas*. IMS, 1996 – 1999.

_____. *Carta programa & Manifesto*. IMS, s.d.

_____. *Datiloscrito/produção intelectual*. IMS, s.d.

_____. *Estranhos sinais de Saturno*, volume 3. São Paulo: Globo, 2008.

_____. *Flash de Jazz Meia-Noite*: Manuscrito/Produção intelectual. IMS, 1986

_____. *Jornada Xamânica I*: Datiloscrito/produção intelectual. IMS, 1989.

_____. *Mala na mão & asas pretas*, volume 2. São Paulo: Globo, 2006.

_____. *Manuscrito/produção intelectual*. IMS, s.d.

Seligmann -Silva, Marcio. “Estética e política, memória e esquecimento: novos desafios na era do Mal de Arquivo”. *Remate de Males*, 271-281. Campinas, n. 29(2) – jul./dez. 2009.

Souza, Eneida Maria. “A biografia, um bem de arquivo”. *Alea*, 121-129. Rio de Janeiro, n.1 vol. 10 – jan/jun, 2008.